



Jornalismo Literário e abordagens insubordinadas: A reportagem de Adélia Maria Lopes no jornal Nicolau¹

Scheyla Joanne HORST²

Márcio Ronaldo Santos FERNANDES³

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

Resumo

O jornal Nicolau circulou no Brasil entre 1987 e 1996, financiado pelo Governo do Estado através da Secretaria da Cultura do Paraná. Fruto de um esforço coletivo de escritores, pesquisadores, artistas plásticos e jornalistas, o projeto registrou uma história marcante e polêmica, proporcionando oportunidades para experimentações em reportagens, além da divulgação de crônicas, entrevistas, poesia e artes visuais. Neste artigo, ressaltamos a trajetória da jornalista Adélia Maria Lopes, a sua escrita diferenciada e as pautas abordadas por ela. Para o aprofundamento, analisamos trechos de três reportagens com base em pesquisa bibliográfica e tentamos mostrar como o emprego do estilo atribuído ao Jornalismo Literário pode cravar na história brasileira textos com conteúdo relevante e atemporal, que de certa maneira traçam um retrato cultural do Estado.

Palavras-chave

Jornalismo Literário; Jornalismo Público; imprensa paranaense.

A repórter e o meio

Uma narrativa a respeito de viagem ao Norte do Estado para perceber que a capital não conhecia o Paraná. Algumas aulas de mandarim com a proposta de constatar que uma nova língua/cultura se desenvolvia em Curitiba. Relato de uma mãe que teve dois filhos presos na ditadura militar e todas as suas angústias e lutas. Miniperfis de um artista marginalizado por sua paranoia religiosa e de outro que criou um inusitado Cristo de latão com 450 quilos e fala sobre esperança... Adélia Maria Lopes foi quem abordou tais temáticas – e outras –, em reportagens publicadas no jornal Nicolau, entre o final da década de 1980 e o início dos anos 1990.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 4 a 6 de junho de 2015.

² Mestranda em Letras; Área de Concentração Interfaces entre Língua e Literatura; Linha de Pesquisa Texto, Memória e Cultura, na Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, e-mail: scheylahorst@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor doutor da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, e-mail: marciorf@globocom.com



Neste artigo, pretendemos concentrar esforços na produção de Adélia, observando o modo diferenciado de escrever da repórter em trechos de três reportagens do Nicolau que contemplam textos de fôlego assinados por ela. Dessa maneira, objetivamos discutir como recursos advindos do Jornalismo Literário (JL) podem favorecer a produção de materiais significativos e atemporais, que nos dão peças para montar um retrato cultural do Estado.

Natural do Mato Grosso do Sul, mas radicada em Curitiba desde a juventude, Adélia Maria Lopes possui uma trajetória profícua no jornalismo paranaense. Da turma de 1972 da Universidade Federal do Paraná, se destaca com diversos feitos relevantes. Por exemplo: foi a primeira jornalista com diploma profissional a trabalhar em rádio no Paraná (TEIXEIRA, 2007). Sua atuação diversificada (rádio, TV, impresso) a levou a áreas variadas e em diferentes meios de comunicação: segurança, política, cotidiano, moda e cultura. Para esta última editoria, a profissional dedicou boa parte da sua carreira, sendo que no jornal O Estado do Paraná foi a responsável pelo caderno cultural Almanaque durante 23 anos.

Na década de 1980, Adélia Maria Lopes fez parte da equipe que idealizou o jornal Nicolau, uma publicação ousada da Secretaria de Estado da Cultura. Ali, ela publicou entrevistas com nomes de destaques da cultura brasileira e reportagens sobre temas inusitados, que partiram de pautas criativas e de um modo de escrever diferenciado, com aspectos advindos do Jornalismo Literário. Em entrevista concedida a Maí Nascimento Mendonça, para a obra “Jornalismo Cultural: um resgate”, Adélia explica o convite, que a tornou assessora de imprensa na área governamental:

Eu fui convidada para trabalhar com o professor René Dotti, quando ele assumiu a Secretaria de Estado da Cultura, para fazer um jornal cultural. Como não existia a figura do editor no departamento pessoal do governo, fui nomeada assessora de imprensa. (TEIXEIRA, 2007, p.33)

O jornal Nicolau circulou no Brasil entre 1987 e 1996. Fruto de um esforço coletivo de escritores, artistas plásticos e jornalistas paranaenses, o projeto registrou um percurso vívido e polêmico, proporcionando oportunidades para experimentações em reportagens caprichadas, além da divulgação de crônicas, entrevistas, poesias, relatos de pesquisas e artes visuais. Trata-se, então, de um marco no Jornalismo Cultural paranaense. Adélia participou do planejamento da publicação, como ela mesma revela:

Lembro-me que desenhei no guardanapo o esboço do jornal e mostrei ao [Wilson] Bueno. Disse que não queria nada parecido com o *Raiz*, que era um boletim da Secretaria da Cultura distribuído como encarte na Gazeta do Povo. A ideia era trabalhar com literatura, mas com espaço generoso para outras artes,



com reportagens sobre teatro, cinema etc e dando capa para obras dos artistas plásticos. (TEIXEIRA, 2007, p. 33)

Na reportagem “A era Nicolau” (2014), escrita pelo jornalista Ben-Hur Demeneck para a edição especial⁴ do *Cândido* (atual jornal da Biblioteca Pública do Paraná) a respeito do Nicolau, o repórter aborda a qualidade editorial da publicação e cita o trabalho de Adélia Maria Lopes, feito com esmero e intensidade:

Depois de viajar 600 km até Aluminosa, à beira do rio Paranapanema, a jornalista Adélia Maria Lopes se convenceu de que ‘Curitiba pouco sabe do Paraná’. Ela expressa essa percepção na segunda edição do Nicolau, em texto sobre a localidade pouco conhecida e o escultor popular José de Freitas Miranda. Com esse mesmo interesse pela descoberta, a repórter escreveria sobre temas como os quilombolas dos Campos Gerais, a comunidade chinesa em Curitiba e as mulheres do Contestado (DEMENECK, 2014, p. 22).

Criado num momento de frenesi cultural na capital do Estado e em todo o país, com liberdade editorial aliada à união de diferentes mentes criativas, o Nicolau marcou época e até hoje repercute no meio acadêmico e cultural. Conforme Demeneck (2014, p.22), na opinião de Adélia “o êxito do impresso passa por ele ter incorporado o clima do jornalismo dos anos 1980 – ‘quando o país acordava da ditadura – e por ele conseguir refletir ‘tempos em que se ia para a rua e para o bar para falar de poesia’”.

O jornal ocupa relevante espaço na história da imprensa paranaense. Durante sua história, recebeu, entre outros, o prêmio de Melhor Veículo de Divulgação de Cultura de 1987 da Associação Paulista dos Críticos de Arte e de Melhor Publicação Cultural na América Latina em 1991, no Encontro Nacional de Escritores que ocorreu em Brasília. É importante ainda considerar que o jornal foi encartado como suplemento de cultura em pelo menos 25 meios de comunicação diários ao redor do Estado, disseminando as informações por todo o território paranaense com amplitude, contemplando o interior e chegando a ter tiragem de 160 mil exemplares.

Tanto é que, em 2014, a Secretaria de Estado da Cultura publicou uma edição fac-similar do jornal. A reedição contempla os 60 números do suplemento, lançada após mais de dois anos de trabalho da equipe da Biblioteca Pública do Paraná.

O Nicolau reverberou em outros Estados e países, como nos apontam cartas de leitores publicadas nas edições. Um exemplo é o espaço destinado às cartas da edição nº 11, onde, inclusive, Adélia Maria Lopes publicou uma carta contendo errata sobre uma de suas reportagens. Nesta edição, foram publicadas opiniões de pessoas de Curitiba

⁴ Quando a Biblioteca Pública do Paraná anunciou a reedição do Nicolau para lançamento fac-similar, o jornal *Cândido*, publicado mensalmente pela instituição, realizou uma cobertura especial da trajetória do Nicolau, contemplando reportagem, relato, linha do tempo e análise.



(PR), Londrina (PR), Ribeirão Preto (SP), Rio de Janeiro (RJ), Niterói (RJ), Santo Antonio da Platina (PR), São Paulo (SP), Vitória (ES), Manágua (Nicarágua), Natal (RN), Medianeira (PR), Salvador (BA), Porto Alegre (RS), Santo Antonio de Jesus (BA), Praia de Leste (PR), Araraquara (SP), Rio Branco (AC), Fortaleza (CE), Cascavel (PR) e Francisco Beltrão (PR). Veja a reprodução de parte da página 26:

cartas na página

Em minha reportagem sobre dona Jolybia Jupyr Barreto de Faria, no n. 9 de *Nicolau*, a bem da história e principalmente da geografia, gostaria de que fosse registrada a seguinte correção: o presídio citado na matéria fica na *Ilha das Flores*, no litoral fluminense, e não na Ilha de Cobras, como foi registrado, pois esta fica no litoral paranaense. Minhas escusas aos leitores desta publicação. **Adélia Maria Lopes**. Curitiba-PR.

Não entendo por que pensadores ilustres se preocupam tanto com a nova "política erótica" (*Nicolau* n. 10). Para mim — perdoem a rude franqueza — esse proselitismo é desnecessário, pois o país já se transformou numa grande bacanal. **Oswaldo Nallim Duarte**. Curitiba-PR.

Continuo acompanhando *Nicolau* desde o 1.º número e cada vez gosto mais — é moderno, renovador, criativo, autêntico, poético, extraordinário!!! Parabéns pela inteligência e seriedade, pela conquista do prêmio da APCA, pela criatividade, enfim por tudo e para todos de *Nicolau*. **Noemi Tateiwa**. Londrina-PR.

Impossível deixar de manifestar-me em relação à qualidade sempre constante que *Nicolau* oferece. Atualmente é o que há de melhor. Esperamos em breve voltar ao número 100. Como já fizemos antes. **Constituição de agosto que não tinha e...**

Queremos informar que, de parte de nossa organização, estamos sumamente interessados na publicação *Nicolau*, a qual desejamos nos somar. O Centro Interclesimal de Estudos Teológicos e Sociais da Nicarágua é uma entidade das igrejas evangélicas do país dedicada à educação teológica, à reflexão pastoral, à investigação no campo da História do protestantismo, das comunidades indígenas da Nicarágua, bem como de sua realidade sócio-econômica. Desejamos assim estabelecer efetivo intercâmbio com vocês. **Benjamín Cortés** (Secretário Geral da CIEETS). Manágua-Nicarágua.

Acho *Nicolau* a melhor publicação que já pintou por aí (e por aqui...). Muitas tentativas de se fazer pequenos jornais não deram certo. Mas espero, de coração, que este jornal não morra tão cedo. Eu ia dizer nunca, mas a gente sabe que o mundo dá voltas demais, os governos mudam, as pessoas des-pintam, portanto...

Assim, nesse andor, como jornalista que sou, não sei se por descuido ou por vocação ou até mesmo preguiça, fico maravilhada com a extrema e refinada sensibilidade de quem faz este jornal. Pequeno, gostoso, limpo e, acho eu, sem mentiras. Agradeço principalmente as matérias que falam de coisas chinesas, japonesas, andaluzas e o es-cambau. Hai-kais demais, adoro tudo o que vem de *Nicolau*. Poucas palavras, grandes imagens, muitos prazeres à alma. Fico contente de que o governo (será que é ele?) do Paraná pague o jornal. Ele paga mesmo? Não me deixem na dúvida. Preciso acreditar em alguma coisa... **Angela Lulkin**. Porto Alegre-RS.

Nicolau está cada vez melhor, sem exagero! Espero sempre ler algo sobre Dario Vellozo, sobre a poeta Helena Kolody. Sugestão: façam, urgente, uma matéria sobre as bandas de *rock* daí. Sei que já são várias e boas e quero penetrar mais neste universo. **José Carlos de Souza**. Santo Antonio de Jesus-BA.

Há muito tempo não lia uma entrevista tão agradável quanto aquela feita por Telma Serur com Helena Kolody (*Nicolau* n. 8). Há uma sinceridade flagrante que deu brilho e leveza a todo o texto. Sempre achei que, quando há sensibilidade e delicadeza, a informação atinge e alma das pessoas, não só o intelecto. **Fátima Almeida**. Rio Branco — AC.

Manifesto meus efusivos cumprimentos pela edição e continuidade de *Nicolau*, que veio preencher, de forma exuberante, lamentável vazio até então existente na imprensa do Paraná. Parabéns — não só pelas matérias, como pela apresentação gráfica, que fazem da publicação efetivamente um marco cultural que engrandece nosso Estado. **Newton José de Sisti**. Curitiba — PR.

A mim, agradeu muito o vir a saber dessa publicação mensal editada pela Secretaria de Estado da Cultura do Paraná. Ah, o Paraná! Suas especificidades, seu povo generoso e de beleza transparente. Nós, os daqui, apreciamos sua gente, deveras! **Leilah Pires Alencar de Almeida**. Fortaleza — CE.

Quero parabenizar o tablôide *Nicolau* pela opção de leitura que nos proporciona. É muito importante poder contar com um trabalho como o que é feito por esse jornal. Cascavel, saibam todos, está de olho em *Nicolau*. **João Meassi**. Cascavel — PR.

Adélia não continuou publicando textos até o fim do jornal *Nicolau*. No meio do percurso, houve uma ruptura do grupo, à altura da edição número 26. “Na ocasião, a pequena equipe se demitiu unanimemente do projeto, em solidariedade com o designer e produtor gráfico Luiz Antonio Guinski, na esteira da sua arbitrária demissão, provocada por divergências com o secretário da Cultura na época” (BRAND, 2014), escreveu recentemente o jornalista e doutor em História Jaques Mario Brand, num artigo de opinião publicado na *Gazeta do Povo*. Sobre a ruptura, Brand acrescenta:

Desse momento em diante, vive outra fase, outra estética, com outra redação e outra dinâmica — embora mantivesse, no essencial, as seções e colunas desenvolvidas na fase heroica, inaugural. Sob o prisma de sua organização interna, o mais notável dos fatores que marcaram a primeira fase, gradualmente revogado à medida que a publicação se firmava como referência, foi o caráter coletivo do trabalho editorial. (BRAND, 2014)

Se a história do *Nicolau* fosse dividida em a.C (antes da crise) e d.C (depois da crise), a primeira fase possivelmente seria intitulada heroica, como, aliás, muitas vezes é chamada. O poeta Rodrigo Garcia Lopes — que integrou a equipe em ambos os períodos



– relata no texto “Com quantos paus se fazia um Nicolau” detalhes a respeito da demissão em massa:

A crise estourou no número 26, quando a equipe foi forçada pelo secretário da Cultura (e pelo Wilson Bueno) a engolir um conselho editorial. Nós fomos contra, pois conhecíamos os interesses que haviam por trás de decisão e sabíamos que aquilo seria o início do fim de um projeto que nasceu coletivo. Na esteira da arbitrária demissão de Guinski, quase toda a equipe saiu, inclusive eu, em solidariedade. (LOPES, 2014, p. 27)

Garcia Lopes ressalta que, tendo em vista os desafios para não permitir que a linha editorial da publicação cedesse a pressões e se tornasse “chapa-branca”, cada edição lançada era muito comemorada pela equipe. “Orgulho-me de ter participado da fase heroica do Nicolau, e acho uma pena não existirem veículos com seu perfil hoje no país” (LOPES, 2014, p. 27).

Nossa proposta

Neste artigo, pretendemos analisar trechos de reportagens de Adélia Maria Lopes publicadas no jornal Nicolau. O objetivo principal é perceber como a utilização de técnicas advindas do Jornalismo Literário proporcionam produções significativas e que atravessam as décadas como textos relevantes a respeito da cultura do Estado. Tais abordagens não seriam trazidas à tona sem a sensibilidade de uma jornalista atenta aos detalhes e com técnica apurada. Como discussão secundária, apontamos o papel do Jornalismo Público e a importância do Nicolau, financiado pelo Governo do Estado, em divulgar temas pouco comuns de serem detectados nos meios de comunicação comerciais.

Sendo assim, lançaremos um olhar comparado entre as características marcantes do JL e trechos de três reportagens assinadas por Adélia. Foram escolhidos os seguintes textos: “Um mundo bizarro longe deste insensato mundo” (LOPES, 1987, n. 2); “A louca do túnel de março do meu país” (LOPES, 1988, n. 9) e “A estética do mito e da esperança” (LOPES, 1988, n. 11).

Confira o primeiro parágrafo de “O último herói americano”, assinado por Tom Wolfe e publicado no livro em que ele também explica, em um ensaio, as raízes do chamado Novo Jornalismo nos Estados Unidos da América:

Dez da manhã de domingo nas colinas da Carolina do Norte. Carros, quilômetros de carros em todas as direções, milhões de carros, carros pastel, verde aqua, azul aqua, bege aqua, amarelo aqua, amanhecer aqua, entardecer aqua, Malaca aqua, laca Malaca, lavanda Nuvem, pink Assassino, framboesa Cara-Esfolada, coral Praia de Nudismo, laranja Emoção Honesta e carros creme



Paixão de Gamo Novo, todos indo para a corrida de stock-car, e aquele velho sol maternal da Carolina do Norte explodindo nos para-brisas. Dezesete mil pessoas, eu inclusive, todas rodando pela Route 421, para as corridas de stock-car do autódromo de North Wilkesboro, 17 mil pessoas indo para uma pista de um quilômetro, com uma placa da Coca-Cola na porta (WOLFE, 2005, p. 87).

De acordo com o autor, ao explicar o desenvolvimento de experimentações textuais na imprensa norte-americana, os escritores e jornalistas começaram a perceber que era fundamental o acompanhamento de seus entrevistados bem de perto, pois todos os detalhes ganhavam importância para proporcionar ao leitor uma descrição ampla e minuciosa, com um algo a mais que até então só era encontrado em livros: sentimentos e segredos dos personagens. Assim, a sociologia influenciou o aprimoramento da técnica de captação de informações agora bem mais conhecida e discutida: a observação participante. “A reportagem realmente estilosa era algo com que ninguém sabia lidar, uma vez que ninguém costumava pensar que a reportagem tinha uma dimensão estética” (WOLFE, 2005, p. 22).

Os textos de Adélia trazem também à lembrança a visão que Truman Capote apresenta na obra “Os cães ladram”:

Tudo o que consta aqui é factual, o que não significa que seja a verdade, embora dela se aproxime o quanto pude conseguir. De todo modo, o Jornalismo nunca pode ser totalmente puro – e nem a câmera, pois afinal a arte não é água destilada: impressões pessoais, preconceitos e a seletividade subjetiva comprometem a pureza da verdade cristalina. (CAPOTE, 2006, p. 10)

A seguir, aprofundaremos as características e possibilidades do Jornalismo Literário, com base, principalmente, nos estudos do professor Edvaldo Pereira Lima, destaque da área no Brasil.

Perceba agora a abertura da reportagem “A estética do mito e da esperança”, de Adélia Maria Lopes. Ela relata a sua busca pelo artista Henrique de Aragão:

Nossa Senhora da Esperança, que alguma arquidiocese colocou na estrada numa peregrinação pelo país e cuja finalidade se inscreve em seu próprio nome, está em Ibiporã. Nossos caminhos se cruzam por pura coincidência, mas há uma coincidência implícita: a esperança de resgatar a própria esperança. No entanto, estamos em outra via-sacra. A dela, que neste momento a leva em direção aos distritos, depois de deixar a prefeitura, a conduzirá para caminhos mais longínquos ainda. O meu destino é a Casa de Artes e Ofícios Paulo VI. (LOPES, 1988, n. 11, p.10)

Tal como Tom Wolfe, Adélia narra de maneira participante o trajeto até o local onde a sua reportagem se desenvolverá. Um caminho, por assim dizer, repleto de esperança.



Notícia que continua sendo notícia

O Jornalismo Literário pode ser encontrado em reportagem ou ensaio com profundidade nos quais são empregados recursos de observação e redação inspirados pela literatura. Conforme Sergio Vilas Boas, os pilares que dão sustentação a esse tipo de publicação são: “Humanização, imersão, exatidão, autoria, estilo e criatividade. Outras características marcantes: uso de metáforas, digressões, monólogos interiores, fluxos de consciência, diálogos, descrições minuciosas etc.” (VILAS BOAS, 2008, p.10).

No diálogo entre jornalismo e literatura, segundo Vilas Boas, algumas ferramentas podem impulsionar o processo criativo: “Os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memória, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral” (VILAS BOAS, 2003, p.14).

No ponto de vista do professor Edvaldo Pereira Lima (2009), de todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem é a que mais se apropria do fazer literário. “À medida que o texto jornalístico evolui da notícia para a reportagem, surge a necessidade de aperfeiçoamento das técnicas de tratamento da mensagem” (LIMA, 2009, p. 173). Ainda de acordo com o pesquisador, a reportagem tem intensa ligação com o estilo escolhido pelo jornalista para articular a sua mensagem, sendo que reportagem “significa também um certo grau de extensão e/ou aprofundamento do relato, quando comparado à notícia” (LIMA, 2009, p. 24).

A fonte inspiradora dos jornalistas que enveredam para o Jornalismo Literário é o realismo social. Conforme Vilas Boas:

Primórdios da interface entre o jornalismo e a literatura estão presentes em vários casos significativos da história contemporânea. Na literatura de ficção europeia do século XIX, a escola do realismo social caracterizou-se pela ação do escritor em realizar pesquisas de campo detalhadas antes de compor um romance, um conto ou uma novela. As histórias nasciam a partir da observação minuciosa da realidade (VILAS BOAS, 2008, p. 13).

Quando o jornalista Humberto Werneck realiza a apresentação do livro “A poeira dos outros”, de Ivan Marsiglia, resultante de produções recentes que unem reportagem e literatura na redação do Estado de S. Paulo, é incisivo ao ressaltar a importância daqueles textos que podem vir a ser recortados das páginas efêmeras do jornal. Ressalta a criatividade dos repórteres que conseguem fazer com que o leitor queira guardar um pedaço de papel de enrolar peixe, mas não para usá-lo com uma



utilidade (enrolar o peixe), mas simplesmente para guardá-lo numa caixa de lembranças para uma leitura posterior, pois o texto não tem data de validade. Werneck continua elencando características do jornalismo literário:

Lugares, cenas, personagens, histórias – tudo isso captado não por um impessoal aspirador de realidade, mas pela curiosidade e poder de observador, pelos cinco sentidos de um repórter genuíno, e em seguida filtrado em texto por detrás do qual é possível distinguir um autor. Não tenhamos dúvida: sem prejuízo da objetividade que o jornalismo deve perseguir, queremos sentir que por detrás daquilo que nos é contado há alguém, não um robô. (MARSIGLIA, 2013, p.12)

Tais características são detectadas nos textos assinados por Adélia Maria Lopes para o jornal Nicolau. Seguindo essa linha de raciocínio, vale citar ainda o posfácio assinado também por Humberto Werneck para a versão em português de “Fama & Anonimato”, de Gay Talese. Intitulado “A arte de sujar os sapatos”, o texto de Werneck cita como pertinente na obra a definição de literatura cunhada por Ezra Pound: “notícia que continua sendo notícia”. Ele continua:

Pois não basta que a informação seja bem apurada. É preciso que ela – e portanto, o leitor – seja bem tratada. Não como atitude de alguém que, no fundo, preferisse estar fazendo literatura. Nada disso. Ao se valer de instrumentos da narrativa de ficção, o bom jornalista, longe de querer embonitar seu texto, está empenhado numa indispensável empreitada de sedução – sem a qual corre o risco de simplesmente não ser lido. O que quer é um relato, não mero relatório. (TALESE, 2004, p. 525)

Werneck argumenta a respeito do que o desenvolvimento tecnológico causou nas redações: a apuração a distância que afasta o repórter das fontes e enfraquece as produções. Para ele, a verdadeira reportagem pode ser obtida quando o jornalista “suja os pés de lama”. Ou seja, sai do escritório, se lança na realidade com ânsia de descobrir algo novo, entra em contato com a realidade e absorve as informações com os cinco sentidos (afinal, características da observação participante).

A autoria é um aspecto marcante dos textos de Jornalismo Literário. Gay Talese, Joseph Mitchell, John Hersey, Truman Capote, Norman Mailer, Lillian Ross e Tom Wolfe – para citar alguns exemplos norte-americanos expoentes do chamado *New Journalism* (Novo Jornalismo) – são narradores reconhecidos pelo talento individual. Mesmo sem assinatura visível, não é difícil reconhecer um texto escrito por eles, pois, além de observadores excelentes, são autores ousados que começaram a praticar um jornalismo diferente do convencional, o que ganhou ênfase a partir dos anos 1940.

A jornalista brasileira Eliane Brum, destaque na atualidade, cativa centenas de aspirantes a “narradores de desacontecimentos” em virtude da sua sensibilidade e



credibilidade. Ela é, hoje, um modelo que diversos estudantes de Jornalismo seguem na busca por pautas que se desviam do caminho padrão e mecanizado. No encerramento do livro “A vida que ninguém vê”, Eliane assina o texto “O olhar insubordinado”. Nele, explica os processos que sempre a levaram a enxergar além do que se vê de dentro das redações dos jornais e revistas onde trabalhou. “A hipótese era a de que o nosso olhar fosse sendo cegado, confundido por uma espécie de catarata, causada por camadas de rotina, decepções e aniquilamentos, que nos impedisse de ver. Vemos o que todos veem e vemos o que nos programam para ver” (BRUM, 2006, p.187).

No ponto de vista de Eliane Brum, olhar é um exercício cotidiano de resistência, aspecto que também é visível nos textos de Adélia Maria Lopes. Da geração da rebeldia, a jornalista Adélia sempre buscou personagens e pautas que fugissem do senso comum, não apenas por serem diferentes, mas porque eram vistos com profundidade. Embora os textos do jornal Nicolau tratassem de cultura, as produções de Adélia ultrapassam rótulos. As escolhas de técnicas feitas por ela no momento de elencar as informações mostram ainda intensas ligações com a literatura e outras artes.

As lentes utilizadas para captar o Paraná

Para Lima (2009, p. 138), “a narrativa jornalística de melhor qualidade beira a arte”. Com base em tal premissa, o autor explica:

Narrativa, aqui, entendida como o relato de um conjunto de acontecimentos, dotados de seqüência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia e, tanto quanto possível, de si mesmo, pelo espelho que encontra nos seus semelhantes retratados pelo relato (LIMA, 2009, p. 138).

Tal perspectiva é semelhante à utilizada por Felipe Pena para definir o Jornalismo Literário. Confira:

Assim, defino Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia (PENA, 2006, p.21).

Humanização e descrição perspicaz, realizada não apenas com base no que está posto, mas também no que o(a) narrador(a) lê/interpreta da cena e do personagem em questão. De acordo com Vilas Boas, tais características elencadas num perfil – texto



aprofundado sobre uma pessoa – pode facilitar o autoconhecimento. “Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro” (VILAS BOAS, 2003, p.14). Ou seja, ao gerar empatia, o repórter consegue aproximar mundos distantes. Acompanhe a descrição a seguir, retirada da reportagem “Um mundo bizarro longe deste insensato mundo”. A repórter apresenta José de Freitas Miranda, um escultor-lavrador que criou um mundo – chamado Aluminosa – para esperar o “apocalipse”. Após elencar o que captou do entrevistado, ela reforça suas percepções com frases realmente pronunciadas por ele:

Gentil, nobre, extravagante, esquisito. Todos os sinônimos que a palavra bizarro possam conter cabem perfeitamente neste senhor que tateia a esmo pelas paredes de sua modesta moradia e que gentilmente ergue suas mãos em busca das minhas para a primeira saudação.

Fazia um imenso frio, mas sua teimosia impedia que providenciasse um agasalho. O vento úmido varria os cabelos, por cortar, sem nenhum fio branco. Enobrecido pela barba – ela, sim, grisalha – desponta um par de olhos incrivelmente febris apesar da ausência de luz.

Nascido lavrador, o porte de José revela altivez. Suas mãos são macias, esquecidas dos árduos tempos na colheita de café e dos 16 anos em que ajuntaram pedra, ferro, tijolo e cimento para dar vida às suas esculturas.

Generoso ou altaneiro: “Não é obra do negócio”. Extravagante (?): “Minhas esculturas foram feitas para ficar na natureza”. Esquisito: “O mundo já teve 500 Josés de Freitas e a cada quatro mil anos faço essas esculturas para esperar a chegada do povo” (LOPES, 1987, n. 2, p. 22).

Com a descrição da personalidade de José de Freitas Miranda, mesclando características físicas, a repórter apresenta o homem de uma maneira criativa, mostrando suas semelhanças com tantas outras pessoas e evitando o adjetivo simplista utilizado por muitos em sua descrição objetiva: louco.

O ponto de vista escolhido pelo narrador é outro diferencial de textos de JL. Conforme explica Lima:

A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostra-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende (LIMA, 2009, 160).

Nos textos de Adélia Maria Lopes é possível constatar tanto as abordagens mais comuns – narrativa em primeira e em terceira pessoa – quanto “o ponto de vista denominado onisciente intruso – em que o narrador introjeta comentários na narrativa” (LIMA, 2009, p. 161). Confira parágrafo da mesma reportagem citada acima:

Não sou crítica de arte, nem tenho veleidades a respeito como certas damas da sociedade, mas que tremulariam os cílios postiços só de pensar (jamais!) em assinar uma crítica sobre a obra deste senhor chamado simplesmente José de



Freitas Miranda. Um escultor que talhou mais de 30 figuras humanas no cimento. Que por falta de informação não soube, tecnicamente, como resolver as extremidades de suas esculturas; mas informação é poder – não anda à solta. Um escultor que ao cabo de seis meses tendo apenas o espelho à sua frente esculpiu sua própria imagem. Que encontrou na bolinha de gude o melhor material para expressar os olhos. Um escultor cuja sensibilidade fez aprimorá-lo na técnica com o passar dos anos; as rugas ao redor dos olhos das estátuas exemplificam com maestria. E que hoje desabafa sem qualquer lamento na voz. “Foi um sofrimento fazer tudo isso” (LOPES, 1987, n. 2, p. 23).

Até chegar a este ponto da reportagem, Adélia se posicionava como uma narradora onisciente neutra, ainda que incluísse verbos na primeira pessoa do plural de quando em quando. Na parte final do texto, entretanto, explicita seu ponto de vista a respeito do seu entrevistado.

A pesquisa de Edvaldo Pereira Lima (2009) também constata e ressalta que as produções em JL, sobretudo o livro-reportagem – mas também a reportagem – podem se inspirar no cinema para realizar a abertura do texto. A cena inicial – como nos filmes – deve ser marcante e sinestésica, com o objetivo de cativar o leitor e incluí-lo no mundo que está prestes a ser apresentado por meio da narrativa. Neste aspecto, Lima afirma que o jornalista precisa apreender técnicas de edição para que a fluência seja alcançada em sua plenitude. Então, a abertura bem estruturada é importante para “aquecer” o leitor nos momentos iniciais da leitura, quando se desliga um pouco do seu mundo mental para mergulhar no universo com que o autor lhe acena” (LIMA, 2009, p. 167). Acompanhe o início da reportagem “A louca do túnel de março do meu país”, de Adélia Maria Lopes:

O mês de março de 1964 encontrou dona Julybia Jupyra Barreto de Faria atarefada com os quatro filhos da casa, todos com garbo, trajando o uniforme do Colégio Militar do Paraná. Outros marços encontraram esta mesma senhora perambulando por quartéis em busca dos seus quatro filhos. “Penso que sou a única mãe brasileira que matriculou quatro filhos no Colégio Militar e que teve todos eles presos pelos militares. Comigo é tudo exagerado”.

E neste março de 88, na mesma casa de madeira rodeada de abacateiros e goiabeiras, em plena área central de Curitiba, e onde derramou seu pranto e dali partiu decidida a lutar pela liberdade dos filhos, esta mãe rememora aqueles tempos. Nascida na cidade de Laguna há 69 anos, antes de mais nada ela compara: “Já lutei mais que Anita Garibaldi” (LOPES, 1988, n. 9, p. 10)

Os dois primeiros parágrafos refletem sobre o mês de março na vida de uma mãe impetuosa que precisou procurar seus filhos presos durante a ditadura militar – período recém-extinto do país, visto que a matéria foi publicada no fim dos anos 1980. A linguagem poética, que harmoniza com o título da reportagem e com poemas – que foram escritos por um dos filhos de Dona Julybia e distribuídos ao longo das páginas –,



é complementada por descrições que trazem imagens à cabeça do leitor. Uma cena marcante de um período histórico que continua polêmico na memória coletiva brasileira.

Considerações finais

Financiado pelo Governo do Estado, o projeto Nicolau construiu e buscou manter ao longo das edições – com ênfase para a primeira etapa do jornal, aqui já chamada de fase heroica – uma linha editorial pautada pela liberdade de expressão, discussão de temas pertinentes, abertura de espaço para diferentes opiniões de intelectuais e figuras públicas, participação do leitor por intermédio das cartas e divulgação de talentos, potencialidades e riquezas culturais do Paraná e do Brasil.

No livro “Conceitos de Jornalismo”, o alemão Michael Kunczik apresenta uma perspectiva de jornalismo que se engaja e se diferencia com ética e responsabilidade. Para o autor, tal prática “supõe que o desenvolvimento é um objetivo positivo e desejável, e que os meios de comunicação de massa podem fazer muito para fomentá-lo”(KUNCZIK, 2002, p. 136).

Kunczik expõe ainda que “a tarefa do jornalismo de desenvolvimento é oferecer uma mão orientadora para aumentar as possibilidades de participação no mundo; em uma palavra: dar sentido às coisas” (KUNCZIK, 2002, p. 346). Sendo assim, ele ressalta o objetivo essencial do jornalismo de desenvolvimento:

Promover um orgulho sadio com respeito ao patrimônio e às conquistas da própria cultura, dentro do contexto de uma concepção não baseada em medidas monetárias, mas que tenha a qualidade de vida como cerne, é a principal tarefa do jornalismo de desenvolvimento. (KUNCZIK, 2002, p. 345)

Dessa maneira, na opinião do pesquisador, é complicado considerar que os meios de comunicação mais tradicionais, com intensos interesses comerciais e de propriedade privada, que mantêm foco na competição com empresas concorrentes, sejam os mais adequados para promover um jornalismo de desenvolvimento, pois: “Enquanto o jornalismo praticado pelos meios comerciais gira primordialmente em torno da demanda, o jornalismo de desenvolvimento se concentra sobretudo na oferta (KUNCZIK, 2002, p. 365).

A abordagem de temas pouco comuns nos meios de comunicação comerciais faz do jornal Nicolau um interessante meio de comunicação que pode ser encarado como espaço de memória cultural do Estado. Na área da reportagem, além de Adélia Maria Lopes, outros repórteres cobriram temas pertinentes, com viagens pelo interior do Paraná e busca de diferentes fontes e vozes, que não as oficiais, para explicar e dar sentido aos



fatos. Afinal, conforme lembrado por Rodrigo Garcia Lopes no relato ao *Cândido*, uma das preocupações da equipe do Nicolau era “descuritbanizar” o jornal, mostrando a cultura que estava sendo feita em outras partes do Paraná com igual peso e valor. Isso acabou descentralizando e mostrando que havia vida inteligente no Estado” (LOPES, 2014, p. 26).

No breve recorte deste artigo, constatamos que as influências da literatura nas reportagens de Adélia são relevantes porque proporcionam um retrato mais completo das cenas presenciadas por ela. A descrição minuciosa de ambientes e das pessoas somada à humanização dos relatos concedem aos leitores dados com substância para a elaboração de interpretações.

Além disso, ao executar a sua profissão com foco no papel social do Jornalismo Público, de maneira crítica e ao mesmo tempo construtiva, Adélia colabora como cidadã para discussões pertinentes, com vistas ao desenvolvimento da sociedade. Embora não tenham sido citadas com destaque até aqui, ela assinou reportagens sobre temáticas bem variadas, como desenvolvimento da cultura chinesa em Curitiba, existência de mulheres guerreiras do Contestado, situação de comunidades quilombolas entre outros assuntos. Ou seja, numa referência à ideia de Eliane Brum (2006), Adélia procurou não se afetar pela correria e aparente repetição dos dias e das notícias, mantendo um olhar resistente à “catarata da rotina”, com abordagens insubordinadas.

Referências bibliográficas

BRAND, Jaques Mario. Nicolau, uma nova narrativa. **Gazeta do Povo**, Caderno G, Curitiba, 08 mai. 2014. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/cadernog/conteudo.phtml?id=1467160>. Acesso em: 30 dez. 2014.

DEMENECK, B. A era Nicolau. **Cândido**: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, PR, n. 34, p. 20-24, mai. 2014.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

CAPOTE, Truman. **Os cães ladram**: pessoas públicas e lugares privados. Porto Alegre: LP & M, 2006



KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: Norte e Sul: Manual de Comunicação. Tradução Rafael Varela Jr. – 2ª ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2002.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4 ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

LOPES, A. M. Um mundo bizarro longe deste insensato mundo. **Nicolau**, Curitiba, PR, ano 1, n. 2, p. 22-23, ago. 1987.

LOPES, A. M. A louca do túnel de março do meu país. **Nicolau**, Curitiba, PR, ano 1, n. 9, p. 10-13, mar. 1988.

LOPES, A. M. A estética do mito e da esperança. **Nicolau**, Curitiba, PR, ano 1, n. 11, p. 9-10, mai. 1988.

LOPES, R. G. Com quantos paus se fazia um Nicolau. **Cândido**: Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, PR, n. 34, p. 26-27, mai. 2014.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

TEIXEIRA, Selma Suely. **Jornalismo cultural: um resgate**. Curitiba: Gramofone, 2007.

VILAS BOAS, Sergio. **Jornalismo Literário: um percurso filosófico**. São Paulo: ABJL/TextoVivo Edições, 2008.

VILAS BOAS, Sergio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

WERNECK, H. A arte de sujar os sapatos. *In*: TALESE, Gay. **Fama e Anonimato**, 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WERNECK, H. Preciso, precioso. *In*: MARSIGLIA, Ivan. **A poeira dos outros**: um repórter na casa da morte e mais 19 histórias. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2013.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.